

História e Memórias: Traços de Territórios Negros em Pelotas/RS

Historia y Memorias: Trazos de Territorios Negros en Pelotas / RS

Cristiane Bartz de Ávila¹

Maria de Fátima Bento Ribeiro²

Angela Mara Bento Ribeiro³

Resumo

Neste trabalho, propomos reflexões sobre os espaços urbano e rural da cidade de Pelotas, situada no Rio Grande do Sul, Brasil. Nosso objetivo é procurar demonstrar alguns dos territórios negros da cidade, no século XIX, e as relações com o presente, século XXI, observando os traços que marcam suas histórias e suas memórias. Daremos ênfase aos aspectos da cultura que se entrelaçam criando identidades, fronteiras e memórias. O interesse por esse tema refere-se por nossa trajetória no que tange aos Estudos sobre Culturas. Concluímos com a certeza de que muitas discussões são ainda necessárias para que o referido tema possa ser difundido e reconhecido como parte de nosso Patrimônio Cultural.

Palavras-Chave: Cultura, Fronteira, Identidade, Negros, Território.

Resumen

En este trabajo, proponemos reflexiones sobre los espacios urbano y rural de la ciudad de Pelotas, situada en Rio Grande do Sul, Brasil. Nuestro objetivo es procurar demostrar algunos de los territorios negros de la ciudad, en el siglo XIX, y las relaciones con el presente, siglo XXI, observando los rasgos que marcan sus historias y sus memorias. Daremos énfasis a los aspectos de la cultura que se entrelazan creando identidades, fronteras y memorias. El interés por este tema se refiere por nuestra trayectoria en lo que se refiere a los Estudios sobre Culturas. Concluimos con la certeza de que muchas discusiones son todavía necesarias para que dicho tema pueda ser difundido y reconocido como parte de nuestro Patrimonio Cultural.

Palabras claves: Cultura, Frontera, Identidad, Negros, Territorio.

1. Primeiras palavras

A partir de reflexões apresentadas no decorrer deste texto, nosso objetivo é procurar demonstrar alguns dos territórios negros na cidade de Pelotas, situada no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, no século XIX, e as relações com o presente, século XXI, observando os traços que marcam suas histórias e suas memórias na Princesa do Sul. O interesse por esse tema refere-se por nossa trajetória no que tange os Estudos sobre Cultura. Pensamos ser importante trazermos para o debate elementos que nos remetem a uma história e a uma

¹ Doutoranda em Educação; Universidade Federal de Pelotas; Faculdade de Educação; Bolsista CAPES; Membro dos grupos de pesquisas *Culturas, Poder e Fronteiras* e *Gestão, Currículo e Trabalho Docente*; Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; crisbartz40@yahoo.com.br.

² Professora Doutora no Curso de Relações Internacionais; Universidade Federal de Pelotas; Pós-doutoranda em Sociedade, Cultura e Fronteira; Universidade Unioeste; Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; mfabento@gmail.com.

³ Professora Doutora no Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo; Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)/Campus Jaguarão; Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil; angetur.ribeiro8@gmail.com.

memória de grupos que até então não tinham espaço político em nossa sociedade fortemente marcada por raízes aristocráticas e patriarcais.

Tomando as ideias de Michel de Certeau (1994) como embasamento teórico, temos a concepção de espaço como um lugar praticado. O autor menciona que “não existe espacialidade que não organize a determinação de fronteiras” (CERTEAU, 1994, p. 209). Segundo o mesmo autor, o relato precede práticas sociais, enquanto discurso, para legitimá-las. Ainda em suas considerações, Michel de Certeau (1994) apresenta conceitos de pontes e fronteiras, elementos mediadores e articuladores entre dois atuantes, sejam eles, os atores, considerados também, sujeitos. Por analogia, apoiamos-nos em seu entendimento acerca do território para mapear os espaços da cidade de Pelotas, foco de nosso trabalho, e a fronteira que se estabelece entre a zona urbana e a zona rural, evidenciando a paisagem natural e sua peculiar toponímia. Essa paisagem torna-se responsável pelas delimitações de fronteiras definidas entre a zona urbana, considerada um território de escravidão por concentrar as charqueadas e o poder coercitivo representado pela Câmara Municipal e autoridades, e a zona rural, Serra dos Tapes, considerada um território de resistência e liberdade em função da formação do grupo Quilombola liderado por Manuel Padeiro.

A seguir, fazemos a descrição das zonas mencionadas.

2. Os espaços da cidade de Pelotas

2.1 Zona urbana

Na zona urbana da referida cidade, durante o século XIX, desenvolveu-se a indústria saladeril, responsável pelo crescimento econômico da região. Aqui, as charqueadas fabricavam o produto que era exportado para o centro do país e, até mesmo, para outros países, como é o caso de Cuba. Com o lucro desta operação, trazia-se da Europa produtos de luxo e ideias desta cultura, tais como peças teatrais e saraus. Neste contexto, foram construídos muitos monumentos de “pedra e cal”, projetados por artistas europeus, dentre eles, citamos Aldo Locatelli famoso por pintar os afrescos da Catedral de Pelotas e José Isella arquiteto que construiu o Casarão 8 localizado na Praça Coronel Pedro Osório e a Capela da Santa Casa de Pelotas. Assim, a Cidade prosperou e foi palco de muitos eventos patrocinados por conta da circulação monetária advinda da atividade econômica em questão.

Em tais condições econômicas e sociais, o negro ocupava o lugar de trabalhador, escravizado, nas charqueadas pelotenses construídas na beira dos Arroios Pelotas e Santa Bárbara. Era um espaço de repressão aos escravizados, no reconhecido Centro Histórico⁴, havia um pelourinho no centro da Cidade, na Praça da Regeneração (atual Praça Coronel Pedro Osório) e uma forca próxima ao Arroio Santa Bárbara (atual Companhia Estadual de Energia Elétrica), ambos utilizados para correção/coerção daqueles que desrespeitassem as regras. Para os escravizados de ganho ou libertos, vendedores ou quituteiros, havia espaço em outro local central, próximo ao pelourinho (atual largo do Mercado Público) (cf. ÁVILA; RIBEIRO, 2013).

Tratando-se do presente, século XXI, no local do pelourinho foi construído o Chafariz que denominamos Fonte das Nereidas. Em nossa opinião, ao ser substituído o pelourinho pela fonte, deparamo-nos com uma ação que contribuiu com o apagamento da memória coletiva sobre a escravidão. Nesse aspecto, o pensamento de Nora (1993), se faz importante para nos

⁴ Esta afirmação decorre da localização da Câmara Municipal, local de concentração das autoridades locais. Esta instituição era responsável pelo código de posturas que determinava os espaços que os escravizados podiam frequentar e as regras para tal (cf. Rubira, 2012).

ajudar a entender sobre os lugares de memória. Segundo o autor, “os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (NORA, 1993, p. 22). Este autor, atribui à importância dos lugares de memória para que a memória coletiva se constitua; se bem entendemos suas palavras, é preciso ter vontade de memória.

Retornando ao século XIX, no cenário que descrevemos, havia um Quilombola representativo dos escravizados, era o líder do grupo denominado de Manoel Padeiro. Conforme pesquisado no Processo Crime⁵ contra um dos Quilombolas que estava com Padeiro, os espaços e os lugares da Cidade eram permeados pelo confronto. Assim sendo, traçamos um paralelo com a obra de Arantes (2000), pois temos a cidade “como um agregado de tensões e conflitos que se espacializam num amálgama de múltiplos territórios (ou lugares) e não lugares” (p.121). E mais, “nesse contexto espacial de lugares e fronteiras entrecruzados formam-se as sociabilidades [...]” (ARANTES, 2000, p. 122).

Os Quilombolas tinham acesso aos espaços da Cidade, tanto os considerados de repressão quanto os considerados de liberdade, na medida em que tinham uma intensa rede de relações que os possibilitava a circulação. Na época, eles intencionavam ir até as senzalas libertar os que ali permaneciam, indo nesse espaço considerado de repressão tomando o poder. Esse fato só não se concretiza de fato, pois o grupo fora traído por um escravizado que os delatara em troca de ser libertado. (cf. ÁVILA, 2014).

2.2 Zona rural

Na zona rural, a partir dos documentos primários e da tradição oral, reunidos no arquivo do trabalho de Ávila, 2014, podemos apontar um espaço ideal para a busca da liberdade através das fugas e aquilombamentos: o Morro do Quinongongo. Este é um local de difícil acesso, inserido na Serra dos Tapes, apontado pela Comunidade como um local onde os Quilombolas refugiavam-se, no século XIX. Localizado no distrito Triunfo, o Morro tem mais de 380 metros de altitude, nele encontramos uma plataforma de pedra que possibilita avistar de um lado, a cidade de Pelotas e, de outro, a Cidade de Canguçu. Dessa forma, os quilombolas, no passado, avistavam as “Partidas”⁶ que vinham, da zona urbana, procurá-los para levá-los de volta ao cativeiro. Segundo a tradição oral, os quilombolas ficavam no alto deste local de sentinela para avisar as pessoas mais frágeis caso localizassem algum perigo. Neste local, há uma caverna que dá acesso ao pé do Morro onde passa o Arroio Quilombo.

Tendo em vista a questão já citada sobre o “apagamento da memória coletiva” de uma época, a qual não era valorizada a história das “minorias”⁷, temos um movimento atual de pesquisas científicas que enfatizam através de estudos sobre o patrimônio cultural imaterial, as memórias desse espaço. O Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN)⁸, órgão responsável pelas políticas de valorização patrimonial no Brasil, iniciou, no século XX, a promoção de debates interculturais, pautando suas ações no conceito de Cidadania Cultural.

⁵ Este processo encontra-se no Arquivo Público do RS (APERGS), em Porto Alegre, **Cartório do Júri n. 81**, Maço 3A, 141 E7, E/141c CX:006.0300.

⁶ Os charqueadores pagavam homens para procurar escravos fugidos (cf. atas da Câmara Municipal de Pelotas, as quais encontramos em Magalhães, 2011).

⁷ Appadurai (2009) no texto *O Medo ao Pequeno Número*: ensaio sobre a geografia da raiva, e Pesavento (2005) no texto *História e história cultural*, trabalham com este conceito.

⁸ Este órgão, durante muito tempo, valorizou somente o patrimônio material, como o “pedra e cal”. Nas últimas décadas, porém, desenvolve um novo olhar, valorizando também os saberes-fazer das comunidades e dos grupos “minoritários”, que estão ligados às discussões sobre patrimônio imaterial.

Nesse contexto, a cultura e a cidadania ganham destaque como importantes elementos de inclusão e de valorização em diálogos interculturais nas Universidades e em setores da sociedade, em que as culturas afrodescendentes e indígenas são trazidas para discussões e reflexões, reconhecendo, assim, que a cultura não é homogênea, mas atravessada por contradições e conflitos tal como já relatamos. Dentre os trabalhos que versam sobre estes temas, citamos o estudo de Nogueira (2008) que desenvolve a ideia do reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional, valorizando a identidade dos afrodescendentes.

A nosso entender, o autor traz um debate importante ao lembrar a cultura afro-brasileira como parte do patrimônio nacional tendo em vista suas contribuições e hibridizações em vários campos da sociedade brasileira.

Palavras finais

Procuramos demonstrar, ao longo de nosso texto, os territórios da cidade de Pelotas, marcados, durante o século XIX, pela repressão e pela resistência à escravização. Ao trazermos essa discussão, traçamos uma fronteira simbólica entre o rural e o urbano para demonstrar como o negro teceu estratégias de resistência à escravização mesmo diante de todo o aparato repressivo. Para tanto, o mesmo se utilizou dos espaços e suas características peculiares.

Nesse sentido, pensamos que os espaços citados neste trabalho devem ser considerados além de uma simples rua, praça, morro... A nosso ver, tais territórios precisam ser retomados pela memória e história que carregaram. Mesmo trazendo significações relacionadas a dores de outrora, eles precisam ser observados com atenção, num trabalho ético, para que possam ser ressignificados reverberando suas histórias de luta e resistência.

A cidade de Pelotas apresenta traços marcantes de seu patrimônio que a todo o momento lembram as etnias que por aqui passaram ou se estabeleceram, entretanto, as histórias negras por muito tempo silenciadas, ainda precisam ter sua representatividade propagada.

Referências

ARANTES, Antônio Augusto. *Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/ Imprensa Oficial, 2000.

ÁVILA, Cristiane Bartz; RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. *Cultura, multiculturalismo e interculturalidade: as "tias minas" da cidade de Pelotas-RS e seu legado cultural*. II CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES. Belo Horizonte, 2013.

_____. *Entre esquecimentos e silêncios: Manuel Padeiro e a memória da escravidão no distrito de Quilombo, Pelotas, RS*. 2014. 183 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2014.

CERTEAU. Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LE GOFF, Jacques. *Memoria. El orden de la memoria. El tiempo como imaginário*. Barcelona, España: Editorial Paidós, 1991. Fonte: Disponível em: <<http://www.cholonautas.edu.pe/biblioteca/memoria>>. Acesso em: 28/02/2013.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Atas da Câmara Municipal de Pelotas (1832-1845)*. Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti, 2011.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. Diversidade e sentidos do patrimônio cultural: uma proposta de leitura da trajetória de reconhecimento da cultura afro-brasileira como patrimônio nacional. *Anos 90*. Porto Alegre: v.15, n. 27, jul., 2008.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. *Projeto História 10*. São Paulo, dez., 1993.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RUBIRA, Luís. *Almanaque do Bicentenário de Pelotas*. Santa Maria, RS: Pró-cultura RS: Ed. Pallotti, 2012.